

cR

Centro
de Referência
Paulo Freire

**Este documento faz parte do acervo
do Centro de Referência Paulo Freire**

acervo.paulofreire.org



InstitutoPauloFreire



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
COORDENADORIA DOS NÚCLEOS DE AÇÃO EDUCATIVA

A NÃO-VIOLÊNCIA DO BRASILEIRO, UM MITO INTERESSANTÍSSIMO

O mito da não-violência : alguns mecanismos ideológicos para sua construção.

De maneira vaga e genérica definimos a violência como um processo pelo qual um indivíduo (humano ou não) é transformado de sujeito em coisa. Essa " definição " grosseira tem aqui uma finalidade precisa. Estamos habituados a considerar a violência pelo prisma da violação, isto é , como transgressão de regras, normas e leis aceitas por uma coletividade e das quais ela depende para continuar existindo.

Neste contexto (jurídico) , o indivíduo violento é aquele que põe em risco a vida da comunidade.

Definindo aqui a violência como processo de redução de um sujeito à condição de coisa, visamos a retirá-la do contexto que a define como transgressão de regras e de leis para pensar nestas regras e nestas leis como portadoras de violência. Em outras palavras, a violência se encontra originariamente do lado da sujeição da dominação , da obediência e da sua interiorização, e não do lado da violação dos costumes e das leis. Em suma, estamos habituados a encarar a violência como um ato enlouquecido que vem de baixo para cima da sociedade (é assim, aliás que está sendo apresentada pelos jornais e pelas comissões estatais), quando na verdade seria mais pertinente encará-la de modo oposto, isto é, como um conjunto de mecanismos visíveis e invisíveis que vêm do alto para baixo da sociedade, unificando-a verticalmente e espalhando-se pelo interior das relações sociais, numa existência horizontal que vai da família à escola, dos locais de trabalho às instituições públicas, retornando ao aparelho do Estado.

Somente focalizando a violência do lado do exercício da dominação é que se pode perceber com certa clareza o caminho que conduz à construção do mito da não-violência brasileira.



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
COORDENADORIA DOS NÚCLEOS DE AÇÃO EDUCATIVA

O mito é construído graças a um processo de exclusão social e histórico preciso, cuja finalidade é admitir a existência inegável da violência, mas fazendo-a aparecer de modo a negá-la. O primeiro mecanismo de aceitação-negação da violência consiste em tomá-la como um acontecimento esporádico ou acidental e não como uma constitutiva da própria sociedade brasileira.

Os especialistas atribuem o atual "surto" de violência ao anacronismo do judiciário que se encontra despreparado para enfrentar uma situação histórica nova (o desenvolvimento industrial), situação esta descrita a partir de conceitos da sociologia durkheimiana, em particular, o conceito de anomia. Em outras palavras, a situação atual é apresentada como favorável à criminalidade e a transgressão porque as regras, normas e leis perderam sua eficácia como cimento afetivo, moral e legal das relações sociais. Assim, migração, urbanização desenfreada, miséria, proletarianização do homem do campo, marginalização social e política, excessiva concentração da riqueza e perecimento dos laços tradicionais de existência comunitária seriam as causas da atual violência no país, sendo também compreensível que as camadas mais violentas sejam as mais miseráveis. Em uma palavra, na passagem do " tradicional " para o " moderno " as desigualdades socio-econômicas aumentaram e a violência é uma resposta circunstancial à situação de disfunção social causada por essa transição. Não cabe, aqui, analisar os conceitos sociológicos empregados.

Basta apenas assinalar o que eles permitem fazer. Com efeito, a violência está sendo tratada como uma reação de baixo para cima (portanto, como violação), como acidental ou ocasional (isto é, como fruto inesperado do descompasso entre as leis e os costumes), como circunscrita à espera da criminalidade (isto é, como transgressão do direito de propriedade e de vida) e como ação perpetrada pelos estratos mais baixos da classe trabalhadora (portanto, como ação de inimigos sociais desorganizados). Assim, pela circunscrição do cam



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
COORDENADORIA DOS NÚCLEOS DE AÇÃO EDUCATIVA

po em que ocorre (criminalidade e delinquência, espera do direito penal) e pela delimitação temporal de seu surgimento (a fase de industrialização crescente), a violência pode aparecer como acidental e, em contrapartida, a não violência é implicitamente afirmada como essencial à sociedade brasileira, pois nem todos os cidadãos são delinquentes, nem a violência andou à solta como nos dias de hoje.

Sintomaticamente, a repressão que desde sempre se abate contra os trabalhadores, a repressão exercida durante os últimos quinze anos sobre outras camadas da população, a distância estabelecida entre o poder político e a sociedade, não são mencionados, na qualidade de forças da ordem, política e polícia não podem aparecer como exercício de violência. Se a miséria, de um lado, e a ausência de participação nas decisões, por outro, endoidecem a sociedade brasileira, contudo não é menos verdade que a pobreza e desmobilização política cresceram paralelamente ao aumento das forças de repressão. Todavia, este não é o melhor ângulo para localizar o problema. Em primeiro lugar, porque a oposição entre forças da ordem violentas e sociedade violentada esconde o fato de que uma parte da sociedade está visceralmente comprometida com tais forças, de sorte que se mantivermos o contraponto acabaremos colocando a violência como momento de desmedida do poder e caindo, sem perceber, no mito de que a sociedade brasileira, como tal, não é violenta. Em segundo lugar, e na mesma linha de raciocínio, porque essa perspectiva tende a homogeneizar formas e conteúdos diferentes de violência — o quebra-quebra na estação suburbana não tem o mesmo sentido que um linchamento, o medo do operário de ser morto nas ruas não é o mesmo medo que leva o executivo da multinacional a cercar sua propriedade com guardas armados, a briga no estádio de futebol não tem o mesmo significado que a histeria nos postos de gasolina às vésperas do aumento do preço do combustível, uma passeata dissolvida a gás lacrimogêneo não é o mesmo que a arruaça de motoqueiros fazendo cavalo-de-pau nas vias públicas, as levadas de flagelados que invadem cidades em busca de alimentos e a briga não possui o mesmo sentido que bandos do Esquadrão da Morte caçando supostos marginais. Essa perspectiva tem como maior inconveniente manter a violência no contexto do acontecimento excepcional



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
COORDENADORIA DOS NÚCLEOS DE AÇÃO EDUCATIVA

(ainda que a exceção dure quinze anos) e dessa maneira fornece água ao moinho do mito da não-violência nacional, pois a excepcionalidade e o acidente são dois mecanismos ideológicos indispensáveis para sua construção. ...

Texto de :
Marilena Chauí.

Almanaque 11 - Educação ou Desconversa ? S.P. Brasileira , 1980.

Caderno de Literatura e Ensino

Exposição no Simpósio Educação e Sociedade Violenta.

Durante a 1ª Conferência Brasileira de Educação - S.P.
31 de março de 1980.

SUBSÍDIOS PARA REFLEXÃO :

Setor Readaptação - CONAE

Projeto NÃO À VIOLÊNCIA.

O panoptismo - (Vigiar e Punir - Michel Foucault -
pag. 173, capt. III).